

# Vamos evitar a reindexação

30 DEZ 2002

Economia - Brasil

Armando Monteiro Neto

**O**Brasil teve experiências desastrosas com políticas salariais baseadas na indexação. Entre 1979-94 foram aprovadas inúmeras leis que procuraram assegurar o poder de compra dos salários. Nenhuma delas funcionou. Os trabalhadores sempre perderam na indomável corrida entre salários e preços.

Nos últimos oito anos, vivemos um período de razoável estabilidade econômica. Uma das medidas mais centrais do Plano Real foi a eliminação da indexação de todos os preços, inclusive dos salários.

Na época, dizia-se que os brasileiros não estavam preparados para a negociação livre. Os fatos provaram que isso era um mito. Desde 1994, empregados e empregadores praticaram negociações sadias. O cenário tornou-se mais realista. As negociações ficaram mais transparentes. Os ganhos reais de salários foram expressivos nos primeiros anos do Plano Real, só invertendo essa tendência em decorrência dos choques das crises da Ásia e da Rússia (1997-98) e, depois, da desvalorização do real (1999) e da crise energética (2001).

Hoje, a preocupação com a inflação faz ressur-

gir a idéia da indexação dos salários. Seria um desastre. A perda de um grande esforço realizado com sacrifícios de toda a nação.

Em lugar disso, governo, trabalhadores e empresários têm de se unir no combate à inflação. É verdade que as principais medidas recaem nas áreas das políticas monetária e fiscal, sobre as quais trabalhadores e empresários têm pouca ação.

Mas a atitude dos que se sentam à mesa de negociação é decisiva para a formação do ambiente geral que cerca as ações de caráter macroeconômico. Propostas de gatilho salarial, reajustes automáticos e escalonamento de aumentos criam insegurança e incerteza nos agentes econômicos, disparando ainda mais a corrida entre salários e preços e fazendo voltar a inflação que ninguém deseja.

O imposto inflacionário é arma mortífera. Corói o poder de compra dos indefesos e favorece os que já concentram renda. A inflação destrói o planejamento das empresas e deteriora a produtividade.

Nosso cotidiano é muito diferente dos dias da economia fechada dos anos 70 e 80. No presente, a globalização impede os repasses de custo para os preços dos bens e serviços. A tentativa de reindexação dos salários, portan-

to, além de acelerar a inflação, destruirá os empregos com a morte das empresas brasileiras que não conseguirão competir com suas concorrentes estrangeiras.

A economia globalizada restringe a capacidade de as empresas fixarem preços e obterem lucros. Na verdade, os lucros só surgem dos ganhos da produtividade técnica e da eficiência gerencial.

É nesse terreno que empregados e empregadores podem atuar de forma construtiva, trabalhando em rotas de convergência. As relações do trabalho se encaminham na direção do entendimento e não da confrontação.

Iniciaremos o novo ano com um enorme desafio: lutar contra uma inflação que, infelizmente, já chegou aos dois dígitos e precisa recuar.

Dos dois lados, espera-se compreensão e adiamento de ganhos. É na mesa de negociação que terá de ser praticado o mais importante de todos os pactos sociais, o que valoriza as concessões. Nunca foi tão importante trabalhar em favor da eficiência e produtividade. É isso que manterá a empresa e os empregos vivos nos próximos anos.

■ ARMANDO MONTEIRO NETO É PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA

CORREIO BRAZILENSE